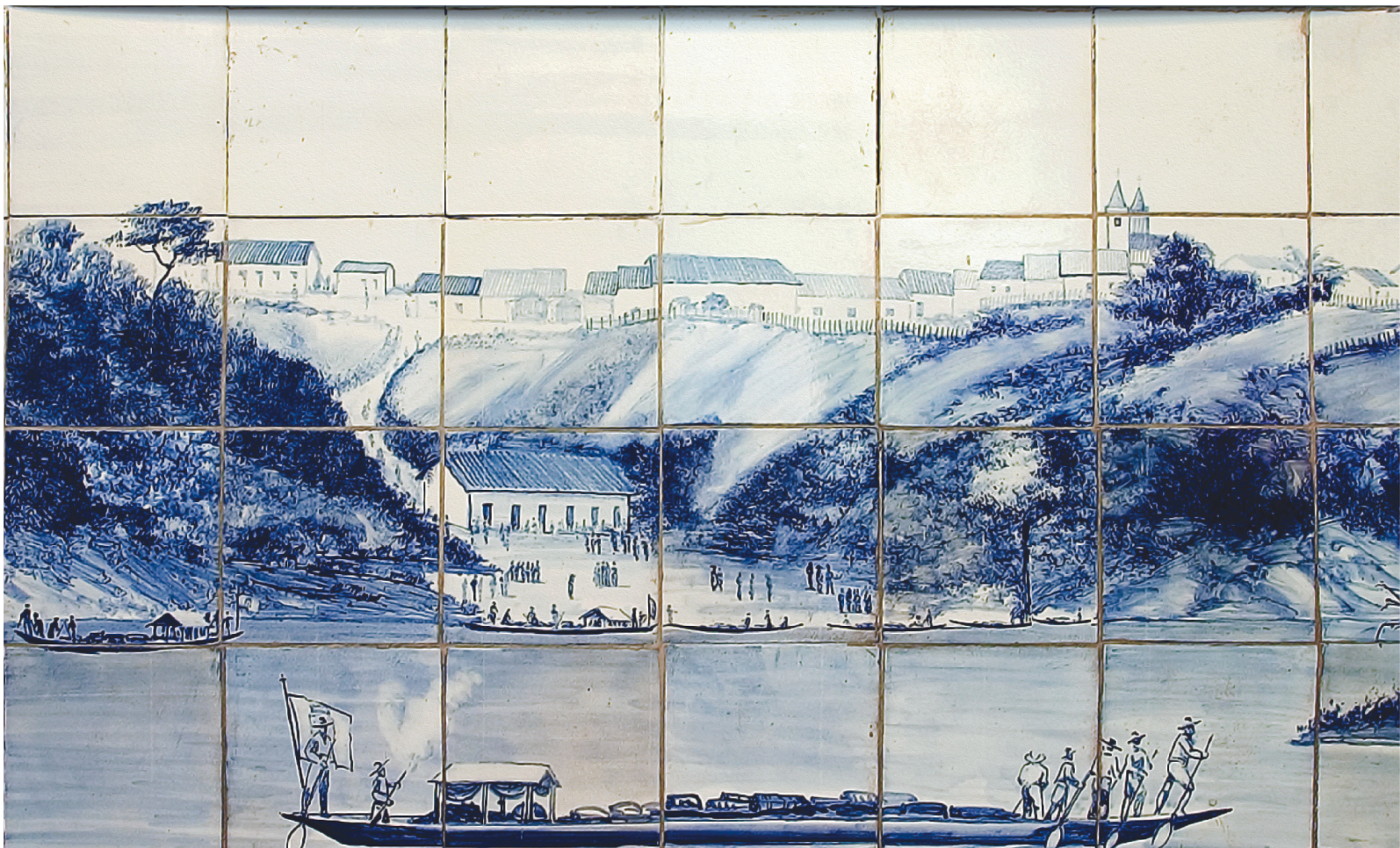


TIETÊ
R|O MÓVEL



ESTRADA LÍQU|DA
O RIO | O HOMEM | O LUGAR



Apoio Institucional:

Realização:



| Secretaria de Cultura e Economia Criativa



Para mais informações:

Casa da Cultura "Dona Narcisa Stettener Pires"

Endereço: Rua Tristão Pires, 123 - Centro

Telefone: (15) 3262-4788

E-mail: casadacultura@portofeliz.sp.gov.br

Redes sociais: @prefeituradeportofeliz

www.instagram.com/prefeituradeportofeliz

www.facebook.com/PrefeituraDePortoFeliz

Hashtags: #Tiete #RioMovel #EstradaLiquida #PrefeituraDePortoFeliz

#PortoFeliz #PMPF #Exposição #Cultura #SP #SISEMSP #GovernoSP #Monções



Com o propósito de articular o conteúdo expositivo e curatorial da exposição “Tietê - Rio Móvel, Estrada Líquida – o Rio, o Homem, o Lugar”, bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais, por meio da cartilha pedagógica, apresentamos propostas e sugestões a serem desenvolvidas junto às escolas públicas e privadas, para um melhor aproveitamento e potencial exploração de informações disponibilizados na mostra.

Ao considerar a relevância de se preparar o aluno para a visita ao espaço memória e manter relação contínua de apoio, propomos um trabalho conjunto entre a equipe de educativo da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo de Porto Feliz e a rede de educação primária e secundária, objetivando o estímulo e percepção expositiva dos objetos, o contato com diversos tipos de fontes e a troca de informações sobre os objetos de estudo e pesquisa.

O roteiro expositivo e curatorial possibilita ampla difusão e trabalho interdisciplinar entre as áreas de exatas, humanas e biológicas, assim entendidas as disciplinas de matemática, história, literatura, língua portuguesa, geografia, sociologia, filosofia, biologia e ciências, e cada professor poderá desenvolver estratégias de ensino diferenciadas a serem exploradas durante a visita, além da vivência e estímulo significativos dados aos alunos ao analisarem, compararem, interpretarem, para que compreendam o sentido e significado dos temas tratados na exposição.

As atividades propostas podem ser aplicadas aos ensinos fundamental I e II, e médio, aumentando o número de problematizações acerca dos documentos analisados. Cabe salientar que, junto à proposta dessa cartilha pedagógica, há um caderno com atividades lúdicas que poderá ser utilizado conjuntamente aos alunos como ferramenta de trabalho dos professores.



1. Planejando a visitação

Primeiramente, pesquise sobre o espaço que abriga a exposição “Tietê – Rio Móvel Estrada Líquida – o Rio, o Homem, o Lugar”, no caso, a Casa de Cultura Dona Narcisa Sttetener Pires, e verifique seu horário de funcionamento; oriente-se sobre a disponibilidade de agenda com a equipe de educativo e informe-se sobre as atividades culturais e materiais pedagógicos oferecidos pelo espaço. E, o mais importante, visite a exposição previamente para colher subsídios e facilitar a preparação do projeto pedagógico que dialogue com a proposta da exposição e a da escola. Caso consiga envolver outros professores, o projeto ganhará enfoque interdisciplinar.

Lembrando que, ao planejar as estratégias pedagógicas que prepararão o aluno para a atividade a ser realizada no espaço expositivo, e as que serão desenvolvidas após a visita à Casa de Cultura Narcisa Sttetener Pires, o alcance do objetivo ganhará outro enfoque.

Outro ponto considerável é definir o grupo de alunos que participará da visita, conforme faixa etária e/ou conteúdos curriculares, condizentes entre o projeto pedagógico e proposta curatorial da exposição. Estabelecer o número de participantes sem deixar de contemplar todos os alunos, mas de forma fracionada, com certeza será mais produtivo e proveitoso se o número de visitantes for limitado. Equacionar o número de profissionais da educação que acompanharão os participantes, considerando que, para cada grupo de 20 a 25 alunos, um acompanhante é o ideal.

Fale sobre as regras. O espaço expositivo tem regras próprias, que precisam ser seguidas para que todos os visitantes possam ter uma boa experiência. Explique os motivos. É importante o entendimento do porquê não poder tocar nos objetos expostos, não falar em tom alto, tirar fotografia sem flash e não consumir alimentos no espaço. Quando entendemos a importância de uma regra, a chance de respeitá-la é maior.

Estimule a atenção - peça aos alunos que registrem a visita em cadernos ou outro material e lance desafios ou perguntas que façam com que prestem atenção aos detalhes. Recapitule a visita e provoque reflexões, associando os temas trabalhados na exposição com os trabalhados em sala de aula. Preparamos uma lista com materiais que podem ajudar a abordar o pertencimento, a diversidade, a identidade e a transformação que desejamos para a nossa sociedade!

2. Exposição: “Tietê – Rio Móvel, Estrada Líquida – o Rio, o Homem, o Lugar”

A exposição “Tietê – Rio Móvel, Estrada Líquida – o Rio, o Homem, o Lugar” é fruto de um trabalho dedicado a provocar o público visitante e contribuir exponencialmente para o fomento da história, da cultura, do turismo e da difusão do conhecimento com o mote principal o rio Tietê e seus desmembramentos como eixos curatoriais – o rio, o homem, o lugar, inter-relacionados.

Dessa maneira, propomos:

2.1 O Rio

a) Estrada líquida / estrada móvel

Há referenciais na exposição indicando as cidades paulistas cujo curso do rio passa, seu comprimento desde sua nascente até o local onde desemboca, direção de percurso e altitude, a importância do rio para o Estado de São Paulo e região Sudeste e seus potenciais meios de exploração para navegação, turismo, produção de energia, uso em plantações agrícolas e abastecimento de cidades, além da informação acerca de sua poluição. Que tal utilizar essas informações para enriquecer exponencialmente as aulas nas áreas de humanas, exatas e biológicas?

A cartografia abaixo refere-se à viagem de Custodio de Sá e Faria à Praça de Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi, em 1774. Como proposta, poderá ser explorada a fonte primária como referencial e registro histórico, assim como um comparativo com o registro cartográfico atual do rio Tietê, sua extensão, além dos topônimos indígenas apropriados para designar pontos de pousos e formação de freguesias, vilas e cidades. Considerando Parâmetros Curriculares Nacionais, estimule os alunos a analisarem, compararem, interpretarem, para que compreendam o sentido e significado do assunto tratado na exposição.



b) O Tietê hoje e ontem

“Considerando a fundamental importância do rio para a conquista do interior brasileiro e desenvolvimento econômico de São Paulo, o curso do rio em direção ao Oeste o transformou em uma “estrada líquida”, ou “estrada móvel” desde os primeiros séculos da colonização. Documentos do século XVII já faziam referência a um porto na margem esquerda, no local denominado Ararituaba, de onde partiam expedições fluviais. Hoje, cerca de 2400 km são navegáveis, entre Barra Bonita, São Simão (que faz divisa de Goiás com Minas Gerais) e Foz do Iguaçu. Em uma visão futurista, em algum momento será possível tomar um barco na Ponte das Bandeiras, em São Paulo, e chegar a Buenos Aires pela Hidrovia Tietê-Paraná. Quando esse sonho se tornar realidade, a Bacia do Prata será um imenso sistema fluvial de navegação, e as vantagens serão tanto econômicas quanto ambientais. O Tietê, que serviu de estrada líquida nos primeiros tempos da colonização e tem garantido a energia necessária ao desenvolvimento de São Paulo, continua com a função de estrada que expande a fronteira econômica do Brasil através do Mercosul”. (Trecho de texto curatorial, 2022).

Nesse contexto, peça aos alunos para pesquisarem sobre sistema hídrico e suas implicações, navegação fluvial e hidroviária, sistema econômico e Mercosul, e faça o comparativo mediante a historicidade da navegabilidade do rio Tietê e exploração econômica representada pelas monções.

c) Sobre o Tietê

Água do meu Tietê,
Onde me queres levar?
– Rio que entras pela terra
E que me afastas do mar...
É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável
Da Ponte das Bandeiras o rio
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.
É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,
Soturnas sombras, enchem de noite de tão vasta
O peito do rio, que é como si a noite fosse água,
Água noturna, noite líquida, afogando de apreensões
As altas torres do meu coração exausto. De repente
O ólio das águas recolhe em cheio luzes trêmulas,
É um susto. E num momento o rio
Esplende em luzes inumeráveis, lares, palácios e ruas,
Ruas, ruas, por onde os dinossauros caxingam
Agora, arranha-céus valentes donde saltam
Os bichos blau e os punidores gatos verdes,
Em cânticos, em prazeres, em trabalhos e fábricas,
Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma
Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.
E se aclama e se falsifica e se esconde. E deslumbra.
Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,
Está negro. As águas oliosas e pesadas se aplacam
Num gemido. Flor. Tristeza que timbra um caminho de morte.
É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado
É um rumor de germes insalubres pela noite insone e humana.
Meu rio, meu Tietê, onde me levas?
Sarcástico rio que contradizes o curso das águas
E te afastas do mar e te adentras na terra dos homens,
Onde me queres levar? ...
Por que me proíbes assim praias e mar, por que
Me impedes a fama das tempestades do Atlântico
E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?
Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,
Me induzindo com a tua insistência turrone paulista
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio! ...

Mário de Andrade (1944/1945)

Lagoa

Eu não vi o mar.
Não sei se o mar é bonito.
Não sei se ele é bravo.
O mar não me importa.
Eu vi a lagoa.
A lagoa, sim.
A lagoa é grande
e calma também.
Na chuva de cores da tarde que explode,
a lagoa brilha.
A lagoa se pinta
de todas as cores.
Eu não vi o mar.
Eu vi a lagoa".

Carlos Drummond de Andrade

Das poesias sobre o rio Tietê, o professor de literatura e língua portuguesa poderá explorar o gênero, sua categoria de composição e classificação literária, assim como fomentar a pesquisa de seus poetas, o contexto histórico e o recorte textual. Poderá estimular a oralidade, a criatividade e a reflexão a respeito de fatos da vida de cada aluno a partir do olhar atual sobre o rio. Como apoio pedagógico, utilize a cartilha educativa com atividades lúdicas desenvolvida para os alunos.

d) Topônimos indígenas

“Nomear rios, montanhas, cidades, bairros e logradouros, tem um significado político e cultural que envolve etnias ou grupos culturais, hegemônicos ou não. O espaço apropriado pelo ser humano está impregnado de toponímia e constituiu-se um rico campo de estudo. O ato de nomeação de lugares é usado para suprir necessidades de orientação em um dado espaço e ao mesmo tempo garantir a posse de um território. (...)

Grande parte dos topônimos vêm do tupi. O tupi não era a única língua falada no Brasil no início da nossa colonização. Centenas de línguas indígenas eram faladas no território por ocasião da chegada dos portugueses em 1500. Contudo, o tupi foi uma das poucas línguas indígenas aprendidas pelos portugueses no período colonial, tornando-se uma língua indígena clássica. Nenhuma outra teve o grau de penetração que teve o tupi no léxico do português no Brasil.

Para habitantes de São Paulo, são muito conhecidos nomes como Bertioga, Ubatuba, Caraguatatuba, Guarujá, Peruíbe, Itanhaém, Perequê, entre outros. Deslocando-se para sudoeste do Estado, uma outra área linguística se destaca: Itaí, Itapecerica, Itapeva, Itaberá, Itaporanga, Itatinga e Itapetininga. (...)

Desde tempos imemoriais, diferentes agrupamentos indígenas se estabeleceram nos campos de Piratininga e, ao longo do curso do rio, nomearam seus acidentes, lugares, afluentes e se tornaram conhecedores das possibilidades de conexão com todos os cantos do território. Esses conhecimentos e essa situação privilegiada não escaparam aos primeiros colonizadores, que trataram de conhecer e consolidar o controle sobre o Tietê. (...)

(Trecho de texto curatorial, 2022).

Na exposição, há um recorte importante sobre a toponímia ainda usada ao longo do Tietê que revela quem foram os primeiros habitantes das suas margens, a começar pelo nome do rio e dos lugares em suas adjacências. Com o texto acima, utilizando como referencial histórico, o professor poderá utilizar dessa fonte de informação e desenvolver atividades com alunos como levantamento e pesquisa sobre a influência indígena, ocupação e apropriação cultural.

Estimule o interesse - organize uma roda de conversa e faça perguntas norteadoras como: “Quem foram os primeiros habitantes?”, “Como vocês imaginam a interação social naquela época?”, “O que aconteceu com os indígenas?”, dentre outros questionamentos.

Outro potencial a ser trabalhado com os topônimos – palavras e seus significados –, é solicitar a pesquisa e levantamento de informações acerca de lugares, suas origens e evolução com fortes ligações entre história, arqueologia, geografia e o afluente. O professor dessas disciplinas poderá trabalhar em conjunto, com projetos pedagógicos interdisciplinares, complementando ações conjuntas. Como apoio pedagógico, utilize a cartilha educativa com atividades lúdicas desenvolvida para os alunos. Estimule a análise e pesquisa de antigos topônimos indígenas que ainda permanecem em uso na região de Porto Feliz:

Anhembi, Pirapora, Cabreúva, Itu, Birigui, Canguera, Abaremanduaba, Boituva, Tiete, Avanhandava, Itapura, Capivari, Tietê.

E os afluentes do Tietê que mantiveram a tendência indígena da nomeação: rios Jundiáí (yundiá-y, rio dos jundiás, peixe), Sorocaba (çorocaba, ruptura, rasgão, em alusão às rasgaduras naturais no solo), Capivari (caapiuar + y, rio das capivaras) e Piracicaba (corruptela de pirá-cycaba, a coleta ou tomada do peixe; designa lugar que, por acidente natural do leito do rio, não deixa o peixe passar e favorece a pesca).

Sugestões de Vídeos:



2.2 O HOMEM

e) As monções

Outro eixo curatorial trabalhado na exposição trata das Monções. Com este recorte, há possibilidade de explorar as temáticas como expedições fluviais com fins comerciais e de povoamento, período e duração de navegabilidade e rotas, potencializada na exposição, de forma a pontuar o conceito de “estradas móveis” / “estradas líquidas” – linha condutora e tema principal da mostra –, que favoreceu o povoamento do território, a fundação de vilas, o desenvolvimento da agricultura e criação de gado, a busca de metais preciosos e o comércio entre os núcleos de povoação, além de ajudar a ocupar e proteger as fronteiras do Brasil.

Como proposta pedagógica, há possibilidades de explorar as iconografias e cartografias expostas na mostra “Tietê – Rio Móvel, Estrada Líquida – o Rio, o Homem, o Lugar”. Com apelo imagético, o uso de fotografias e/ou reproduções em sala de aula, permitirá maior percepção e interesse do tema trabalhado, contribuirá para que os alunos adquiram um repertório de técnicas capaz de ajudá-los a lerem criticamente esse mundo de imagens no qual estamos mergulhados. Há um cuidado a se atentar - as imagens são documentos que possuem dois significados simultâneos: a expressão do autor e a representação de determinada realidade. Dessa forma, devemos tratá-la como um produto, feito em determinada época e com determinado objetivo.

Como exemplo, podemos utilizar as pinturas de Oscar Pereira da Silva (1867 – 1939) que utilizou dos desenhos originais de Hercules Florence (1804 -1879) para retratar as monções. O pintor não realizou pintura *plein air*. Então, por que a pintou? De onde tirou as informações sobre as pessoas retratadas? O que quis demonstrar com a distribuição das figuras no quadro? Faça o exercício com a classe para que observem o imaginário construído.

Por outro lado, em segundo momento, passe a discutir a representação real das pinturas. As três obras sugeridas para análise representam a partida, a chegada e a carga das monções. Faça comparações observando o cenário e suas representações.





Partida de Porto Feliz, óleo sobre tela – 130 x 86cm, Oscar Pereira da Silva (1867 – 1939). Baseado na aquarela de Adrien Aimé Taunay (1803 – 1828). Acervo do Museu Paulista da USP. Foto Júlio Abe Wakahara.



Encontro de Monções no sertão, óleo sobre tela – 172 x 95cm, Oscar Pereira da Silva (1867 – 1939). Baseado no desenho original de Hercules Florence (1804 -1879). Acervo do Museu Paulista da USP. Foto Júlio Abe Wakahara





Carga de canoas, óleo sobre tela – 140 x 110 cm, Oscar Pereira da Silva (1867 – 1939). Baseado no desenho original de Hercules Florence (1804 -1879). Acervo do Museu Paulista da USP. Foto Júlio Abe Wakahara.

f) Expedições Científicas



"No século XIX, viajantes e naturalistas estrangeiros percorreram a rota das monções. Um deles foi o francês Auguste Saint-Hilaire, em 1816, que fez uma pormenorizada descrição do rio Tietê e do salto das proximidades de Itu. A mais famosa foi a expedição do Barão de Langsdorff, (1774-1852), com participação de cientistas e artistas que coletaram, estudaram e registraram a fauna, a flora, o homem e a terra, além de paisagens, o relato do cotidiano da viagem e a descrição de tipos humanos. Registros iconográficos importantíssimos".

(Trecho de texto curatorial, 2022).

Neste ponto, há muito a trabalhar didaticamente. A historicidade do fato, da exploração do desconhecido, do estudo e registro, do descritivo e do vultoso. A diferença entre as expedições – territoriais, comerciais, científicas –, é muito pontual, mas ao mesmo tempo, se cruzam e se entrelaçam. Explore este potencial na exposição.

Como proposta construtiva e colaborativa, estimule a troca de vivências entre grupos de alunos. Com papéis pré-definidos – os que exploram terras, os que comercializam ouro e insumos e os naturalistas, solicite pesquisas referentes aos diversos propósitos para que, de forma expositiva, ilustrem seus feitos.

Partida de uma expedição mercantil de Porto Feliz para Cuiabá (1830), tinta nanquim sobre papel. Hercules Florence. Coleção Cyrillo Hercules Florence.



A partida da Expedição Langsdorff, no Rio Tietê, em Porto Feliz – 1826. Aguada de nanquim sobre papel. Aimé-Adrien Taunay, Coleção Martha e Erico Stickel. Acervo do Instituto Moreira Salles (RJ).



Em outra proposta pedagógica, escolha uma ou mais representações expostas na exposição “Tietê – Rio Móvel, Estrada Líquida – o Rio, o Homem, o Lugar”. Como sugestão, elencamos as de Hercules Florence e Aimé-Adrien Taunay. Estimule os alunos à observação. Peça que observem as pinturas e descrevam os diferentes cenários e representações, registrem diferentes locais e datas, quais pessoas estão representadas e solicite a pesquisa sobre os artistas. Após o trabalho inicial descritivo, proponha a apresentação dos resultados. Como apoio pedagógico, utilize a cartilha educativa com atividades lúdicas desenvolvida para os alunos.

Em trabalho pedagógico interdisciplinar, desenvolva em conjunto com o professor da área de humanas e biológicas, pesquisa de campo. Primeiramente, peça que observem as duas iconografias apresentadas, detalhe informações sobre Hercules Florence e Aimé-Adrien Taunay, e a importância de seus feitos. Em segunda etapa, instigue grupos de alunos, diferentes entre si, a registrarem, por meio de fotografia, e outros alunos, por pintura e escrita, a fauna e flora encontradas na mata ciliar do Parque das Monções, procurando observar a interação entre os ecossistemas terrestre e aquático. Faça explanação e apresentação dos resultados com uma exposição aberta.

g) Porto das monções




Porto Feliz, vista da margem ocidental do Tietê (1827), aquarela. Jean-Baptiste Debret. Coleção Condes de Bonneval.



“O porto das monções ganhou notoriedade no reinado de d. João V, O Magnânimo ou Rei-Sol Português. João Francisco Antonio José Bento Bernardo de Bragança, seu nome de batismo, reinou de 1º de janeiro de 1707 até morrer em 31 de julho de 1750. Quando começou a reinar, Portugal estava implicado na guerra da sucessão espanhola, ou seja, a briga entre as famílias Habsburgo e Bourbon pela Coroa da Espanha. O envolvimento no conflito custou os olhos da cara e arrasou as finanças do país. O novo rei tinha pressa em restaurar o prestígio e o poder de Portugal e ao mesmo tempo praticar relações diplomáticas cautelosas para mantê-lo bem distante de qualquer novo conflito.

O segundo objetivo, d. João V alcançou por meio de providencial aliança com a Inglaterra, o que, nos momentos de crise, garantia eventual socorro de soldados e da Marinha Real inglesa. Quanto ao primeiro objetivo, a restauração do prestígio e poder do reino, ele alcançou graças à colônia brasileira. É aqui que ganha relevância o antigo porto de Araritaguaba, na margem esquerda do rio Tietê. O início do seu reinado coincidiu com o primeiro grande salto na produção de ouro do Brasil. Em 1708, começaram a chegar ao porto de Lisboa, navios carregados de arcas de jacarandá abarrotadas com o metal precioso, anunciando um ascendente ciclo de riqueza poucas vezes visto na Europa. Nos seus quase 45 anos de reinado, D. João V não saberia o que era uma Coroa pobre, graças à colônia de além-mar.

Cerca de dois milhões de libras em ouro, uma soma equivalente à metade do orçamento de defesa da Grã-Bretanha, eram oficialmente enviadas de navio do Brasil para Lisboa todo ano, e um imenso comércio de contrabando trazia mais um terço dessa quantia, calcula um historiador inglês. O ouro das Minas Gerais continuava jorrando quando Pascoal Moreira Cabral, que estava a prear índios nos sertões do oeste de São Paulo, encontrou novas fontes do metal em 1718, nas margens do riacho Coxipó-Mirim. Não demorou mais que quatro anos para o sorocabano Miguel Sutil e seu sócio português João Francisco, O Barbado, descobrirem outros mananciais de ouro na mesma região. Tão logo a notícia correu, na corte o rei exultou e na colônia desabrochou uma nova fase da corrida ao ouro. Um cronista da época registrou o movimento – “Das Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de toda a capitania de São Paulo abalaram-se muitas gentes, deixando casas, fazendas, mulheres e filhos”. Em apenas um ano, só de São Paulo foram mais de 2.000 pessoas. E o melhor caminho para chegar a Cuiabá, a “Terra Prometida”, certamente era a rota fluvial que tinha início no porto de Araritaguaba.



Nos primeiros tempos a viagem chegava a durar sete meses, que era o mesmo tempo que se gastava para ir de Lisboa a Goa, nas Índias, contornando o Cabo da Boa Esperança. Essas expedições de São Paulo a Mato Grosso, movidas à busca do ouro, ficaram conhecidas como monções. A mais famosa e maior delas, que deixou o porto de Ararituaba em 1726 e singrou águas dos rios Tietê, Paraná, Pardo, Camapuã, Coxim, Taquari, Paraguai, Porrudos (São Lourenço) e, finalmente, Cuiabá, era composta de 3.000 pessoas acomodadas em 300 canoas.

Algumas imensas, outras de dimensões mais acanhadas, as monções aos poucos se firmaram como expedições comerciais e de povoamento. As monções ajudaram a ocupar e proteger as fronteiras do Brasil, a desenvolver a agricultura, a criação de gado e a germinar muitos povoados, hoje cidades, que foram plantados ao longo do caminho fluvial de aproximadamente 3.500 quilômetros. Basta citar duas: Tietê, logo no início da jornada, e Cuiabá, o destino final. A riqueza que passou no porto das monções pode ser aquilatada, de certa forma, pela imponência da volumetria da Igreja Matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens, inaugurada em 1750, ano da morte do Rei-Sol Português. Se ainda hoje ela se destaca no perfil do casario e prédios, imagine a magnitude do visual nos séculos 18, 19, e boa parte do século 20.

Um quinhão imensamente mais gordo de tanto ouro foi diretamente para a Inglaterra e contribuiu para consolidar o poderio econômico inglês. Mas, parte do ouro que transitou por Ararituaba ficou em Portugal. Com aquela fortuna nas mãos, d. João V deu asas a seu projeto de exaltação real, ao desejo de erguer igrejas, conventos e palácios. Com tanto metal foi possível concretizar o complexo de 46.500 metros quadrados do Convento e Palácio em Mafra, 40 quilômetros a noroeste de Lisboa, com vista para o Atlântico. A riqueza jorrando do Brasil, e parte dela tendo circulado pelo porto das monções, permitiu ao rei erguer um rival do Escorial, palácio dos reis de Espanha, ou até mesmo de Versalhes.

O rei esbanjou ouro. De seu quase meio século de reinado pode-se dizer que a única empreitada com valor prático, em vez de “espiritual”, foi a construção de um novo aqueduto, o das Águas Livres, imensa construção que ainda hoje marca indelevelmente o cenário de Lisboa. Grande parte de suas edificações veio abaixo com o grande terremoto, seguido de um tsunami sem precedentes, no Dia de Todos os Santos em 1755. Para reconstruir a Lisboa destruída, mais recursos e muito ouro foram reclamados do Brasil. Quando se visita hoje a Baixa Lisboeta e o imenso complexo de palácio, igreja e convento de Mafra, quando se avista a silhueta do aqueduto na capital portuguesa, quando se lê Memorial do Convento, de José Saramago, ou até mesmo quando se vê a ópera Blimunda baseada naquele livro, vem na imaginação o intenso vai-e-vem de expedições, a azáfama de gente e o volume de riqueza que sacudiram as terras agora tomadas pelo singelo parque que abraça o outrora famoso “porto das monções”, lugar de memória por excelência”.
(Trecho de texto curatorial, 2022).



Sugestão vídeos – vídeos institucionais e livres sobre a história de Porto Feliz e das Monções, de encanação da Semana das Monções

Em sala de aula, sugerimos a utilização das três fontes – iconográfica, textual e audiovisual, relacionadas acima, que referendam o contexto histórico sobre a importância do porto das monções e que podem auxiliar na produção do conhecimento histórico. Desse modo, após o trabalho contextual, realize a atividade que instigue o estudo da história de vida, na qual os alunos buscam conhecer a sua própria história, através de depoimentos coletados entre os membros da sua família, demonstrando que somos partícipes da história. Solicite a produção de conteúdo “oral” na recolha de depoimentos, entrevistas, pesquisas de discursos, entrevistas e outras formas de expressão por meio da linguagem falada em fontes primárias e secundárias no acervo do Arquivo Público e Biblioteca Municipal, propiciando a inserção dos alunos na construção do saber histórico.

h) A presença dos Indígenas

Desde a fundação dos primeiros núcleos portugueses à beira-mar até os princípios do século corrente, travou-se árdua e tenaz competição ecológica entre os primitivos donos do território e as levas sucessivas de povoadores e imigrantes que, no decorrer de três séculos e meio, vieram ocupar légua por légua, em ritmo crescente, o chão indígena — ora cruzando-se com o silvícola, ora combatendo-o pelas armas, ora subtraindo-lhe simplesmente, pelo fato da ocupação, as mais elementares condições de existência. E na segunda década deste século, os naturais da terra, na medida em que não foram absorvidos biologicamente pelos ádvenas, haviam praticamente deixado de existir, para ceder o lugar a estes. (...)

À diversidade cultural e linguística dos grupos indígenas do território paulista — dos Tupinambá, Tupiniquim e Carijó, elos Purí e Caiapó Meridionais, dos Otí, Opaié e Kaingang, dos Guarani e de outros mal conhecidos e de há muito extintos — correspondeu, nestes quatro séculos, variedade não menos considerável de situações interétnicas, em que se desenrolaram os mais diferentes processos ecológicos, sociais e antropológicos. Quer como figura de relevo no cenário do desbravamento e da conquista, quer como vítima indefesa no movimento expansivo da civilização, vemos o gentio participar de todas as fases da formação étnica e social da costa, do Planalto de Piratininga e do interior longínquo. Ora no papel de aliado e colaborador, ora arredo ou rebelde a contrariar os interesses duma sociedade dinâmica em procura de novos campos de ação, está presente na história de São Paulo, desde os primeiros dias até a atualidade. (Egon Schaden, “Os primitivos habitantes do território paulista”. O Estado de S. Paulo, 25/01/1954).

Há muitas referências dos grandes feitos, conquistas e realizações dos europeus frente à expansão territorial brasileira no período colonial, mas, e a importância dos indígenas na povoação e desbravamento de São Paulo? Qual é o olhar sobre o desbravamento do espaço e o avanço das fronteiras, inserindo os monçoeiros no contexto indígena? Eles tiveram um papel importante para o desenvolvimento desses processos – povoamento, desbravamento e construção de São Paulo?

A provocação tem como propósito instigar reflexão e desconstrução do senso-comum, da historiografia construída envolta à figura do desbravador. Primeiramente, como uma das primeiras propostas de trabalho pedagógico, peça aos alunos que pesquisem elementos da identidade e suas representações no dia a dia. Oriente-os a pesquisarem nomes de avenidas, estradas, de escolas, associações esportivas, clubes e monumentos de Porto Feliz. E, do resultado apresentado, elenque elementos que configuram os monçoeiros e a elite portofelicense e a indígena e cultura popular. Dessa atividade, trabalhe o entendimento da construção do imaginário e a concepção do esquecimento X lembrança.

Mediante a problematização do passado, solicite aos alunos que pesquisem sobre a situação dos indígenas hoje na região e no Brasil. Onde há concentração de grupos indígenas? Qual a situação de suas moradias (moram em aldeias, em casas comuns, em conjunto etc.?) Qual a forma que se vestem (não usam roupas, usam roupas tradicionais, ou roupas atuais?) Qual o tipo de alimentação hoje? Faça explanação dos dados levantados e finalize apontando elementos resultantes da aculturação imposta. Como referência, utilize o material disponível em <https://lemad.fflch.usp.br/node/5398>



2.3 O LUGAR

i) A história

De Ararituaba a Porto Feliz: de freguesia a vila

De antiga Freguesia de Nossa Senhora da Penha de Ararituaba, à elevação de vila e formação de cidade. A exposição “Tietê – Rio Móvel Estrada Líquida – o Rio, o Homem, o Lugar”, apresenta elementos sobre a história do município de Porto Feliz atrelada ao do porto frequentado, desde os primórdios de sua constituição, por comerciantes das minas de Cuiabá e por expedições ao sertão.



Monumento às Monções - década de 1950 - Coleção JSW.

Como representação máxima, perpetuada pelo Monumento aos Bandeirantes, a poucos metros das águas do Tietê, há um conjunto escultural que rememora o movimento das monções do século XVIII, produzido pelo escultor italiano Amedeo Zani e encomendado por Cândido Mota, na época Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura. Sua inauguração ocorreu em 26 de abril de 1920, com a presença de Altino Arantes, governador do Estado de São Paulo e de um grupo de jornalistas e historiadores. Afonso de Escagnolle Taunay, que além de historiador era o então diretor do Museu Paulista – popularmente chamado de Museu do Ipiranga, fez o discurso oficial da solenidade. Ele dedicou a sua fala à Glória das Monções.

Teatro da memória

A primeira Semana das Monções, realizada de 7 a 13 de outubro de 1952, teve como proposta estimular o estudo da história das monções, por meio da divulgação de livros, artigos, documentos, palestras e debates, e as chamadas atividades cívicas e culturais, e contou com a participação dos historiadores Sérgio Buarque de Holanda (do Museu Paulista da USP), Tito Lívio Ferreira (do Departamento de História da PUC-SP) e Sebastião Pagano (do Departamento de História da PUC-SP) como convidados. Em 1961, inicia a encenação da partida solene e do regresso de uma monção, no próprio lugar do antigo porto de Araritaguaba, às margens do Tietê, com participação de portofelicenses como monçoeiros e bandeirantes criados pela imaginação histórica de cronistas e historiadores, utilizando de fontes históricas, interpretando relatos monçoeiros publicados por Afonso de Escragolle Taunay e o livro Monções de Sérgio Buarque de Holanda.

Parque das Monções, lugar de memória

“Memoria, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizasses. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. (Pierre Nora, Les Lieux de mémoire, 1984).

Nesta última proposta, propomos como atividade pedagógica, utilizando como fonte os tópicos “Araraguaba a Porto Feliz: de freguesia a vila”, “o monumento”, “Teatro da memória” e “Parque das Monções, lugar de memória”, com dados detalhados na exposição “Tietê – Rio Móvel, Estrada Líquida – o Rio, o Homem, o Lugar”, solicite aos alunos, mediante a observação, análise e interpretação, individualmente, que construa um texto narrativo sobre sua própria história inserida no contexto de Porto Feliz. Instigando com as seguintes questões: “conhece o Monumento?”, “Conhece o Porto?”, “Já assistiu e/ou participou da encenação?”, “Qual ponto histórico e Turístico da município mais gosta de visitar?”, dentre outras.

Esperamos que tenha gostado!

Para saber mais sobre nossa programação cultural, nossos projetos e serviços, nos acompanhe pelas redes sociais.

Para agendar uma visita educativa, entre em contato:

Casa da Cultura “Dona Narcisa Stettener Pires”

Endereço: Rua Tristão Pires, 123 - Centro

Telefone: (15) 3262-4788

E-mail: casadacultura@portofeliz.sp.gov.br

Redes sociais: @prefeituradeportofeliz

www.instagram.com/prefeituradeportofeliz

www.facebook.com/PrefeituradePortoFeliz

E se tiver alguma dúvida ou quiser compartilhar o trabalho realizado em sala de aula, escreva para: casadacultura@portofeliz.sp.gov.br, nos marque em @prefeituradeportofeliz e nos marque com as hashtags #Tiete #RioMovel #EstradaLiquida #PrefeituraDePortoFeliz #PortoFeliz #PMPF #Exposição #Cultura #SP #SISEMSP #GovernoSP #Monções

